

**Igreja Batista do Méier**  
Rua Hermengarda, 31 - RJ  
Cep 20710-010  
Telefax: (21) 2599-3000  
Site: [www.batistadomeier.org.br](http://www.batistadomeier.org.br)  
email: [igreja@batistadomeier.org.br](mailto:igreja@batistadomeier.org.br)  
Organizada em 25 de dezembro de 1918.

**Horários:**

**Domingos:**

EBD - 9h  
Cultos - 9h, 11h e 19h  
Secretaria 8h30/13h

**Terças:**

Cultos de Oração 6h30 e 14h

**Quartas:**

Quartas de Vida Plena, 19h30

*Os cultos e eventos são transmitidos ao vivo, gravados, fotografados e divulgados pelo site e redes sociais da igreja.*

**MISSÃO**

Chamados para Transformar Vidas

**VISÃO**

Ser uma família que celebra a vida com Cristo, que compartilha o amor de Deus e vive para fazer diferença no mundo em que está.

**VALORES**

Alegria, Amor, Comunhão, Discipulado, Fé, Hospitalidade, Humildade, Integridade, Maturidade, Palavra, Serviço

**Pilares Ministeriais da IBMéier**

**EKKLESIA** (Igreja) – Ser Povo de Deus, Corpo de Cristo, Morada do Espírito Santo.

**KOINONIA** (Comunhão) – Viver em comunhão a fim de compartilhar o amor de Deus.

**DIAKONIA** (Serviço) – Servir aos domésticos da fé e ao próximo por meio dos dons espirituais para supri-los em suas necessidades integrais.

**MARTIRYA** (Testemunho) – Proclamar o poder transformador de Deus em Cristo por meio do testemunho pessoal, de ações coletivas de evangelismo e do sustento da obra missionária local e no mundo.

**Ministérios**

Pastor João Reinaldo Purin Jr

**Administração**

Mary Ruth A. dos Santos Schulze

**Adoração e Culto**

Luis Armando de Oliveira

**Comunhão**

Rute Gomes Ferreira

**Diaconal**

Maria Isabel Barreto Marques Silva

**Ensino e Discipulado**

Pr. Pedro Jorge Farias

**Evangelismo e Missões**

Lívia Fontes Farias

**Frentes Missionárias**

**Missão Bethesda**

Pr. Augusto Leandro Araújo

**Missão Alto Cachambi**

Pr. Ricardo Conceição de Azevedo

**Arte**

Luiz Menezes



[/ibmeier](#)



chamados para transformar vidas.



chamados para transformar vidas.

EU  
VEJO UM  
FANTASMA

VISTO &  
não VISTO

O Coro Edson Paschoal recentemente esteve na cidade de Cachoeiras de Macacu em atividades sociais e evangelísticas, um tempo integral de missões. O município é presenteado por vários riachos com suas pequenas e belas cachoeiras, muito verde em seus montes, a serra do Mar é exuberante nessa região. Terra de muitas lembranças, em minha adolescência eu costumava passar parte de minhas férias nessa cidade; um amigo tinha tios e tias que ali residiam, hospedagem certa e gratuita. Saíamos pela manhã e só retornávamos a noitinha; após algumas preocupações quanto ao que havíamos comido, por onde tínhamos andado e um rápido lanche partíamos para a pracinha, inclusive a que abriga o templo batista visitado pelo nosso Coro.



Vamos a um dos “casos”. Resolvemos acampar, passar alguns dias em meio à mata e próximo a um dos riachos; nós passávamos os dias andando pelas fazendas, seguíamos em busca das pequenas cachoeiras porque formavam poços que permitiam que mergulhássemos em função da maior profundidade proporcionada. Planejamento de última hora, não tínhamos uma barraca e improvisamos com uma lona; quatro adolescentes com algumas panelas, arroz, feijão e alguns legumes. Frutas nós sempre conseguíamos ao entrar na mata ou nas fazendas, nosso povo é muito generoso. Tínhamos certeza de que comeríamos pequenos peixes e o camarão que pescaríamos; não foi tão simples. Encontramos uma pequena faixa de areia ao lado de um poço – perfeito. Cortamos alguns galhos e improvisamos nossa barraca, tudo tranquilo até o terceiro dia. À tardinha um jovem passando a cavalo grita: “Vocês estão malucos? Vai chover na serra e logo pode vir uma tromba d’água e levar vocês. Saiam logo daí”. Já tínhamos visto que na serra que faz divisa com Friburgo havia nuvens escuras; nos parecia “mais ou menos” longe, poderia chover por lá e não atrapalharia nossa aventura. Sabíamos o que as trombas d’água faziam mesmo em pequenos riachos: eles cresciam de forma súbita e a força das águas causava grandes estragos. Sabíamos que o pessoal da área não errava nas avaliações climáticas. Resolvemos juntar as tralhas e sair rapidinho. Mal iniciamos nosso trajeto para a cidade e começou a chover; capas não compunham nossas tralhas. Sem problemas, adolescentes são imunes a chuva. Estávamos longe das casas das “tias”, no campo escurece rápido e com chuva escurece rápido e muito.

Anoitece, lembramo-nos de que havia uma casa abandonada, do tipo casa assombrada, num morro próximo às primeiras casas de um dos bairros da cidade. Para lá fomos, chegamos encharcados, entramos sem dificuldades, as portas ficavam abertas. Acendemos algumas velas e começamos a andar pela casa, mudar as roupas e ver como e onde poderíamos dormir. Ao olharmos para as primeiras casas do bairro que começava ao pé do morro em que estávamos, percebemos que muitas luzes eram acesas; nossa imaginação alçou voo. Estariam imaginando que almas penadas ou fantasmas passeavam pela casa? Ao lado da casa havia uma grande moita de bambu que rangia de forma fantasmagórica com o intenso vento da noite, que fazia com que dançassem em constante atrito; talvez isso tenha ajudado a criar o clima sobrenatural. Alimentamos a cena passando a formar sombras fantasmagóricas com a luz das velas incidindo em nossos corpos. Lembrando da cena veio à minha memória outra história sobre fantasma.



Jesus acabara de alimentar uma multidão, cerca de cinco mil homens, sem contar as mulheres e as crianças, com apenas cinco pães e dois peixes. Insiste com seus discípulos que entrem no barco e partam em direção ao outro lado do mar da Galileia; o Mestre possibilita aos discípulos o tempo e lugar para que reflitam sobre o ocorrido sem a pressão do assombro da multidão; essa, certamente, estaria impressionada com o milagre e pressionada com a expectativa de um Messias que resolveria suas necessidades físicas. Discípulos e multidão partem e Jesus parte para a solitude e tempo de oração. Se faz madrugada, o barco já é visto a cerca de quatro quilômetros da costa, quase metade do trajeto final. O vento é contrário, o esforço para manter o rumo é grande, as ondas se tornam revoltas. “Na quarta vigília da noite (entre 3 e 6 horas da manhã), foi Jesus ter com eles, andando sobre o mar” (Mateus 14.25). Um andar sereno não obstante as circunstâncias climáticas, um ritmo constante e sem pressa não obstante a possível ansiedade dos discípulos pela demora do Mestre. Os olhos dos discípulos se dirigem para o vulto que caminha sobre as águas, o terror é expresso em palavras: “É um fantasma” (Mateus 14.26). Eles estavam emocional e espiritualmente vulneráveis: um frágil barco fustigado por ondas, cansaço físico para manter a rota traçada, a escuridão da noite, a ausência do Mestre; tudo conspirando para que eles vissem coisas, no contexto cultural da época tudo para verem um “fantasma”.



Tempestades e ventos contrários na vida são experiências que nos acompanham, as temos em maior ou menor número ou intensidade. Nos momentos de dúvidas, sofrimento, perdas, injustiças ficamos vulneráveis emocional e espiritualmente, o que nos inclina a vermos coisas. Nosso contexto cultural é outro, somos levados a ver outras coisas; mas isso é outra história. Ressaltamos o fato de que nesses momentos de crise corremos o risco de não vermos Jesus caminhando em nossa direção. A serenidade dos passos do Senhor nos confunde: não pode ser Jesus; se fosse o Mestre ele estaria vindo de forma mais rápida e poderosa. Vendo o meu sofrimento, chegaria com poder e prontidão dando fim imediato às causas da angústia que enfrento. A perda seria recomposta, a injustiça desfeita, a carência atendida, a paz de espírito recebida. O pavor, o medo, a dor angustiante e a ansiedade desmedida embotam os nossos olhos. Segue a doce voz de Jesus: “Tende bom ânimo! Sou Eu. Não temais!” (Mateus 14.27).

*Pedro Jorge, Pr.*